

IMPACTOS DA TV DIGITAL NA VIDA COTIDIANA E NA EDUCAÇÃO

Prof^a Etinete Nascimento Gonçalves*

1. Revoluções

Quando se joga uma pedra em um lago, a água se manifesta gentilmente, propagando ondas provocadas pelo impacto da pedra atirada. Se experimentarmos jogar uma grande quantidade de pedras sucessivamente, as ondas se formarão não mais com a mesma uniformidade, mas para todos os lados, chocando-se umas com as outras. Se a velocidade com que atirarmos as pedras se acirrar, já não poderemos ver qualquer desenho uniforme na propagação das ondas, e o lago perde seu aspecto de calma.

Imaginemos que a pedra atirada no lago seja a intervenção humana no campo da tecnologia, ação que vem se amplificando aceleradamente nas últimas décadas de nossa história. Se uma invenção tecnológica causa alguma repercussão, uma profusão de novas criações aplicadas ao uso cotidiano obviamente causa muito maior impacto. Johannes Gutenberg, por exemplo, não imaginava que sua invenção, a imprensa, fosse causar na sociedade tamanho impacto, mas através da criação dos tipos móveis os livros e o conhecimento puderam, pouco a pouco, ficar acessíveis à comunidade humana. Com a invenção da imprensa, transformaram-se as estruturas sociais em seu todo: a cultura, o conhecimento científico, a economia, os mecanismos de poder etc. A contribuição de Gutenberg, deste modo, foi como uma grande pedra atirada no lago de nossa história, causando ondas sucessivas de transformações. Ocorre que estamos presenciando, nas últimas décadas, uma avalanche de pedras sendo despejadas neste lago, gerando impactos, em certa medida, imprevisíveis.

Estas pedras são as novas tecnologias, que velozmente vêm sendo introduzidas na vida social. Nosso ambiente-mundo está por demais convulsivo para fazermos qualquer afirmativa sobre uma antecipação quanto aos resultados deste momento. Só podemos fazer especulações.

Imaginemos o que sentiu e percebeu o cidadão comum, nascido no início do século passado, e que contemplou, em um tempo curtíssimo, desde a disseminação da luz elétrica, substituindo pouco a pouco os lampiões, até a possibilidade da geração de vida em laboratórios, através do processo de clonagem. Obviamente que todos os que observaram esta aceleração tecnológica e assistiram a todas as conquistas ocorridas no século anterior tiveram que se adaptar às circunstâncias e aos acontecimentos, mudar sua concepção de homem e de mundo, ver seus referenciais se desmancharem diante do galopante processo de urbanização, acompanhar a transmutação que sua cultura sofreu. Com isso, a própria vida cotidiana se tornou um turbilhão de ondas, mesmo que não tenhamos nos dado conta disso, embalados pela velocidade e pelas imagens que se multiplicaram e nos ajudaram a tornar, de alguma forma, “coerente” o nosso mundo.

Sabemos que as novas tecnologias passaram a oferecer oportunidades para a superação ou incremento de uma série de desafios sociais, econômicos e comunicacionais. Elas têm sido utilizadas para encurtar distâncias e redimensionar o tempo, afetando o cenário cultural de qualquer recanto deste planeta. Porém, elas também levam “de carona” alguns enigmas e incertezas a respeito do tipo de sociedade que teremos em um futuro breve.

O cenário onde se projetam estas novas tecnologias é adornado pela imagem, que é onipresente. Tem força e poder. A imagem é o veículo que lança as pedras que estão sendo

* Psicopedagoga, Especialista em Tecnologia Educacional, Mestre em Educação (UNESA) e Mestre em Antropologia da Arte (UFRJ). Doutoranda em Educação (UERJ). Coordenadora Comunitária (5ª à 8ª) do Colégio Teresiano CAP/PUC-RJ

despejadas no lago da história. É uma constatação consagrada que a imagem tem um poder comunicacional extremamente superior ao das palavras. Na profusão imagética do período histórico no qual estamos situados, ela é cuidadosamente planejada e burilada pelos meios de comunicação de massas, para que atinja exatamente o segmento desejado. O sujeito receptor é categorizado por seu potencial de consumo, tendo em vista a divulgação de produtos ou o mero entretenimento. Este, em última análise, também alimenta o consumo de bens materiais, pois não se sustenta sem verbas publicitárias.

Imagens são introjetadas, pautam condutas, ditam modelos, indicam o que deve ser consumido. Neste sentido, a imagem tornou-se um indicador de grande relevância na organização das sociedades, influenciando comportamentos e hábitos, ou seja, remodelando permanentemente nossa cultura. Geertz assume a cultura como uma “teia de significados” tecida pelos humanos, e sua análise, uma “ciência interpretativa à procura do significado”,¹ conceito adotado neste estudo.

Aumont inicia a obra “A imagem” com uma constatação básica para todos que desejam analisar os fenômenos subjacentes à percepção e à cultura: “Se existem imagens é porque temos olhos”.² Imagens são “objetos visuais como os outros, regidos exatamente pelas mesmas leis perceptivas”.³ Nossa percepção do ambiente é dominada pelo olhar, e ingressamos no século XXI com uma profusão de imagens competindo pela conquista de nossos olhares.

Apesar de a imagem ser uma presença constante em toda a história e em todas as culturas humanas, no mundo contemporâneo ela ultrapassa o próprio olhar e se torna presença onipotente, cada vez mais associada à informação. A popularização do cinema, a televisão plantada como totem no centro das salas de inúmeros lares em todo mundo, o crescimento da mídia impressa, conjugando palavras e imagens, a indústria cultural e a necessária publicidade para alimentá-la são elementos que nos fazem caminhar por uma estrada onde parece que só o que pode ser visto é uma infinidade de *out-doors* com slogans e fotografias.

A imagem jamais é gratuita, adverte Aumont. Sua produção sempre foi intencional, como o autor explica: “É claro que, em todas as sociedades, a maioria das imagens foi produzida para certos fins (de propaganda, de informação, religiosos, ideológicos em geral)”.⁴ De um ponto de vista mais clássico, podemos dizer que a imagem faz uma mediação entre o espectador e a realidade. Contudo, dada a onipresença da imagem em nossos dias, ela vem se convertendo na própria realidade, por sua presença ter uma função narrativa e explicativa da realidade, pela virtualização, pelo entorpecimento de um sujeito que tem dificuldade de distinguir sua individualidade diante de um metralhar de imagens que são absorvidas por seu olhar. Muito mais que mediar, a imagem oferece pautas de conduta, dita normas, altera padrões. Somos, hoje, fixados na imagem, “não porque tenhamos perdido a fé na realidade”, como comenta Johnson, “mas porque as imagens têm agora enorme impacto sobre a realidade, a tal ponto que a antiga oposição imagem-realidade realmente não opera mais”.⁵

Na verdade, somos parceiros ativos da imagem, tanto no plano emocional quanto cognitivo⁶. O espectador, visualizando uma imagem, a constrói, mas também ele é construído por ela. Essa relação dialética ser humano-imagem atravessa os tempos, desde a mais remota inscrição nas cavernas.

¹ Geertz, Clifford. *A interpretação das culturas*. São Paulo: LTC, 1989, p. 15.

² Aumont, Jaques. *A imagem*. Campinas: Papirus, 1995, p. 17.

³ Idem

⁴ Aumont, 1995, op. cit, p. 78.

⁵ Johnson, Steven. *A cultura da interface. Como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p.28.

⁶ A esse respeito, ver Aumont, op. cit., p. 81.

Somos seres mergulhados em um imenso lago de imagens e não mais podemos nos desvencilhar de suas águas. Isso não exclui um olhar crítico para as águas que nos rodeiam, nem tampouco deve nos paralisar diante da identificação da manipulação pela imagem. É preciso fazer da convivência com a imagem a narrativa de uma história de humanização, da expressão do que é mais genuinamente humano e belo, e que elucida a própria realidade. A imagem, em seu valor de representação, de símbolo e de signo⁷ é uma das expressões humanas que melhor caracteriza nossa espécie. Nenhum outro animal é dotado deste poder de simbolizar, em palavras e em ícones, como o ser humano. Este diferencial fez com que a cultura pudesse ser engendrada.

Debray faz uma pergunta instigante: “por que motivo há imagem em vez de nada?”⁸ Em sua reflexão, o autor explica que a imagem é uma recusa de aceitação da finitude humana. A imagem é uma busca pela vida, pelo duplo, por dar continuidade ao que fazemos, construímos e amamos. A imagem é uma recusa do nada e uma tentativa de prolongamento da vida: “nós opomos à decomposição da morte a *recomposição pela imagem*”.⁹ Em sua função simbólica, ela representa uma realidade ausente. Não apenas evoca, mas substitui, “como se a imagem estivesse aí para preencher uma carência, aliviar um desgosto. (...) Assim, pintada ou esculpida, a imagem é filha da saudade”.¹⁰ Ela é benéfica porque é simbólica. Se *symbolom*, do grego, designa aquilo que une, que agrega, aproxima e produz fraternidade, em essência a imagem faz parte de uma experiência eminentemente humanizante.

É possível afirmar que, no contexto contemporâneo, temos consciência dessa poética saudade e do fraternal efeito simbólico ou digerimos automática e indiscriminadamente as imagens que nos são lançadas sem qualquer reflexão? Sabemos que a prevalência da imagem vem engendrando um novo tipo de experiência, não mais pautada em um viver desdobrado entre a vida profissional e doméstica nem na palavra que, no dizer de Ianni, é “meio essencial de comunicação, informação, reflexão, compreensão, explicação e fabulação”.¹¹ A imagem nos proporciona um tipo de experiência afeita à virtualização. Na dimensão da virtualidade, segundo Ianni, tudo converge para a própria imagem, que é:

“colorida, sonorizada, suave, impactante, fascinante, brutal, horripilante e estetizante. Esse é o clima em que florescem a montagem, a colagem, a mixagem, a bricolagem, a desconstrução, o simulacro, a paródia, a carnavalização. Em pouco tempo, a ‘estética’ do videoclipe transborda da televisão e do *marketing*, para todos os outros meios de comunicação, do cinema ao jornal, da escola à igreja, do *show* de música popular à Copa do Mundo, dos conflitos sociais às guerras”.¹²

Nossa era pós-moderna caracteriza-se, dentre outros aspectos, por uma abolição das fronteiras entre a imagem e a vida real. O *re* da representação vem sendo suprimido, tornando “a realidade ou a vida auto-imagéticas”.¹³ Os signos visuais que impregnam nossa visão e nosso cotidiano vêm se tornando, também, bens de informação, encontrando suporte para tal nas redes de computadores. Deste modo, a imagem vem sendo portadora de conceitos, de valores e de conhecimento. A velocidade com que o conhecimento se transmuda encontra na

⁷ De acordo com a reflexão de Rudolf Arnheim (1969), citado por Aumont, op. cit.

⁸ Debray, Régis. *Vida e morte da imagem*. Petrópolis, Vozes, 1993, p. 21.

⁹ *Ibid.*, p. 30, grifos do autor.

¹⁰ *Ibid.*, p. 38

¹¹ Ianni, Octavio. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000a, p. 241.

¹² *Idem*

¹³ Debray, 1993, op. cit., p. 69.

imagem, por seu caráter efêmero e pela reprodutibilidade (aspectos salientados por Walter Benjamin desde a década de 30 do século XX), a plataforma ideal para a proliferação da informação. A repetição mecânica da imagem, hoje, se dá em tecnologia digital, favorecendo ainda mais sua disseminação por todo o planeta, fazendo eco à reflexão de Benjamin de que a imagem, uma vez reproduzida ao infinito, perderia a sua “aura”.¹⁴

Dentre estas novas tecnologias, a grande rede de computadores pessoais, conhecida popularmente como *internet*, vem promovendo uma verdadeira revolução nas comunicações e na cultura de massas. A rede está inaugurando conexões entre os humanos que não têm qualquer referente histórico anterior com estas proporções. E a rede é “embalada” pela imagem. Na internet a imagem é onipresente. A palavra escrita convive harmoniosamente com fotografias, obras de arte clássicas reinventadas pela manipulação em *softwares* gráficos, *cliparts* criados pelo computador, fundos coloridos e texturizados, animações e metáforas.

2. Convergência de Mídias e Educação

A agitação do lago imagético não está completa. É preciso refletir sobre algumas possíveis perspectivas para a internet em um futuro próximo, perspectivas essas que apontam para um momento de ainda maior apoteose da imagem, o que, certamente, afetará o ato educativo.

O desenvolvimento tecnológico galopante está pondo em andamento a integração entre a internet e a televisão. Mais do que isso, entre internet, televisores e telefones celulares. Seria possível conjecturar sobre as conseqüências deste somatório de mídias para o cenário cultural e para as novas sociabilidades que virão? E quanto às salas de aula? Como se organizarão com tamanha presença de telas no cotidiano de educadores e educandos?

Primeiramente, vejamos o que os analistas dessas mídias vaticinam. Cebrián afirma que “não somente os computadores foram dotados de uma tela de televisão, como os televisores estarão, logo, logo, com um pequeno computador incorporado a eles. A convergência entre o televisor e o computador digital é algo irreversível”.¹⁵ Televisores e computadores vão estar “unidos às redes por cabo ou por satélite, ou pelas duas coisas de uma só vez”.¹⁶ Negroponte, por sua vez, sustenta que “a televisão de arquitetura aberta do futuro é o PC, e ponto final. (...) Não haverá uma indústria de aparelhos de TV no futuro. Essa indústria será nada mais nada menos do que uma fábrica de computadores”.¹⁷ Estes novos aparelhos serão “telas repletas de memória e enorme poder de processamento”.¹⁸ Essas telas terão diferentes tamanhos e formatos, alcançando as poucas polegadas de aparelhos de telefonia celular, de onde se poderá ver uma partida de futebol enquanto se caminha para o trabalho ou o último capítulo da novela em meio a uma compra de supermercado. Através dessa junção pode-se prever algumas revoluções em nossos hábitos.

Em primeiro lugar, trata-se de a humanidade chegar ao momento de conversão da imagem em uma presença absoluta. Síntese de todas as mídias, esta nova TV digital munida de um computador vai levar seus telespectadores a navegarem por toda a rede, além de poderem fazer neste aparelho o que comumente fazem: assistir a um filme, uma novela ou o telejornal. Será o reinado da tela: a sociedade estará “interconectada por um fio ou por uma antena parabólica, mas cada vez mais é a tela o único mediador possível”.¹⁹

A televisão digital permitirá que muitas das aplicações hoje dadas ao computador sejam nela realizadas. A fusão proporcionará, por exemplo, que um telejornal seja transmitido na

¹⁴ Na obra “A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica”, 1935, citado por Aumont, p. 301.

¹⁵ Cébrian, Jean Luis. *A rede*. São Paulo: Summus, 1999, p. 41.

¹⁶ *Ibid*, p. 43

¹⁷ Negroponte, Nicholas. *A vida digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, pp. 51-52

¹⁸ *Idem*

¹⁹ Cebrián, 1999, op. Cit., p. 62

hora que o usuário quiser. Poderá ser editado com os temas de notícias desejados. Um jogo de futebol poderá ser assistido do ponto de visão de qualquer lugar do estádio ou, se o espectador desejar, da perspectiva da própria bola. Negroponte aprofunda estas possibilidades com esta pequena explicação:

“De repente, a TV se transforma num veículo de acesso aleatório, mais parecido com um livro ou um jornal: pode-se folheá-la, modificá-la; ela não depende mais do horário, do dia ou do tempo necessário para a transmissão”.²⁰

Buscando ir além da sensação de entusiasmo com a nova tecnologia, Cebrián se preocupa com a vida cultural e afirma que “não se trata apenas de engrandecer as qualidades técnicas de alguns serviços – como a recepção de imagens e de som estereofônico -, mas de imaginar o comportamento do usuário diante das diferentes telas”.²¹

Antes de pensarmos sobre o contexto da educação escolar, imaginemos como serão os lares com este novo totem nos “home theaters”. Enquanto o televisor se destina ao entretenimento e ao ócio, o computador também se presta ao trabalho. Na TV digital poder-se-á receber uma correspondência eletrônica ou será possível participar de um fórum de discussões. Provavelmente será o novo “altar-mor” do templo da família, pois com este produto é provável que se “tenha uma experiência visual não mais de dezoito polegadas, mas de três metros, e mais freqüentemente em grupo do que na condição de um indivíduo”.²² Numa residência onde em cada cômodo tiver uma tela, nos dormitórios, no escritório ou na cozinha, cada uma dessas peças será dotada com “o caráter das capelas menores da nova religião virtual da cibernética”.²³ Novos ritos serão celebrados, com uma liturgia própria, agora com a aura da imagem multiplicada, que também multiplicará as emoções, cada vez mais representações de si mesmas.

A internet já vem proporcionando aos conectados uma nova forma de gerir sua vida social. Ela ajuda o usuário a usufruir mais do ambiente doméstico, pois dele pode fazer compras, trabalhar e viver momentos de lazer, solitário ou familiar, através da rede. Já podemos enviar a declaração do imposto de renda pelo ciberespaço e, quem sabe em breve, poderemos até votar sem sair de casa. Se quisermos e pudermos, fazemos cursos *on line*, sem colocarmos os pés em uma sala de aula. Talvez o prejuízo seja o sedentarismo, pois tudo está à distância de um teclado e um mouse que fazem apenas as mãos se exercitarem. Mas sem dúvida, a navegação dos cibernautas tem sido uma viagem de retorno ao lar, na qual a “casa está enfiada na fantasia de ‘aldeia global’, cuja construção parece, pela primeira vez, um objetivo viável que nos seduz com promessas de felicidade e suas oportunidades de todos os tipos”.²⁴

Com a TV digital, que será brevemente implantada em nosso país, a revolução doméstica será ainda maior. Pode proporcionar a integração dos membros que moram em uma mesma casa. Imaginemos que todos precisem interagir para compartilhar da mesma tela em uma navegação comum. Isto significaria trocar a navegação solitária, o nomadismo individual, por uma agregação que implicaria diálogos e acordos. Membros de uma mesma família divertindo-se juntos, atravessando fronteiras, conhecendo pessoas que moram em lugares longínquos sem sair do assento do sofá da sala de estar. Trocas culturais riquíssimas poderão ser empreendidas. Em uma perspectiva otimista, a convivência com as diferenças se

²⁰ Negroponte, 1995, op. cit., p. 54

²¹ Cebrián, 1999, op. cit, p. 46

²² Negroponte, 1996, op. Cit., p. 52

²³ Cebrián, 1999, op. cit., p. 63

²⁴ Cebrián, 1999, op. cit., p. 118.

estabeleceria, caracterizada pelo respeito nas relações entre culturas distintas.

A televisão analógica é uma mídia unidirecional, planejada, estratificada, rígida em sua programação e em seus horários. O ciberespaço, em contrapartida, encoraja a troca recíproca e comunitária. Com a junção de computadores, televisores e telefonia celular, a troca e o dinamismo serão idéias postas em prática de uma forma maravilhosamente caótica, tal como na internet, onde não há um gestor ou planejador comandando todo o espetáculo de interconexões. O que será possível criar vai adquirir proporções ainda incomensuráveis para a imaginação. No entanto, supõe uma disponibilidade financeira para a aquisição da nova TV, que certamente chegará ao mercado a preços inicialmente não acessíveis à maioria.

Contudo, toda tecnologia que começa a se difundir, com o tempo sofre um barateamento para uma parcela maior da população. E como haverá interesses econômicos com a popularização da TV digital, provavelmente serão implantadas estratégias para que esse barateamento ocorra em menor prazo de tempo.

A TV digital será uma máquina *multitarefa*, e os comandos de sua interface deverão possibilitar o acesso a ações simultâneas. Poderá ter grandes proporções, em telas de muitas polegadas, ou será aparelho de um único usuário, com olhar atento às poucas polegadas de um celular. Por onde quer que andemos, a tela estaria lá, mais nos vendo que nós a ela, como observa Cebrián:

“Seja como for, nossa vida será cada vez mais regida pela tela, grande ou pequena, interativa ou não. Isso não significa que vamos aprender e nos comportar de acordo com o que vemos nela e, sim, que desde muito jovens saberemos que estamos destinados a ser vistos”.²⁵

Telas e câmeras em todo lugar, ausência de privacidade, império da imagem. Este exercício de imaginação nos leva a intuir que os monitores conectados em rede só vão ampliar ainda mais a fragmentação característica destes tempos pós-modernos. Múltiplas ações diante da TV digital, em celulares ou em monitores domésticos, para múltiplos sujeitos que interagem.

Sabemos da influência da televisão nos processos políticos e sociais. As relações humanas foram transformadas, por este meio de comunicação, em espetáculo. Com a TV digital conectada em rede, a espetacularização da vida cotidiana se multiplicará, como já é ensaiado através de programas de televisão em que cidadãos comuns são transformados em breves celebridades, como também em *sites* da internet que apresentam imagens em tempo real de pessoas em suas residências realizando tarefas corriqueiras.

A interface básica dos computadores utiliza a metáfora da janela. Um grande monitor poderia ter uma interface na qual várias janelas ficam abertas para diferentes usuários, todos juntos diante da máquina e tantas janelas quanto o número de espectadores. Provavelmente necessitariam, também, de fones de ouvido para a recepção pessoal de som. Um aparelho com estas características se prestaria muito bem a atividades empresariais, em que uma equipe necessita realizar ações distintas, mas interdependentes. Porém, isto não seria um trabalho de grupo, mas um agrupamento de trabalhos individuais, no qual o comunitário e a alteridade passam ao largo. Neste sentido, a aplicação ao entretenimento doméstico deverá supor uma interação mais efetiva para o acordo de intenções. Em uma sala de aula a mesma perspectiva se repetiria: do mesmo modo que alunos se colocam, hoje, diante de monitores de computadores, a TV digital proporcionará que realizem diferentes tarefas, algumas vezes em grupos organizados para tal, outras vezes em tarefas individuais.

²⁵ Cebrián, 1999, op. cit., p. 63

Imaginemos outro contexto. Um lar onde exista em cada cômodo um monitor da nova televisão será mais propício a que essa tecnologia encontre seu berço e lugar, como comenta Cebrián:

“É impossível imaginar que possamos submeter toda a família à humilhação de não ver o filme da noite para que um de seus membros possa ligar-se na rede. Mas, na exclusividade de seu quarto, pessoas podem optar pelo uso conjuntural da tela, sem a necessidade de duplicá-la por qualquer motivo. Isso nos ajuda a descobrir que são sobretudo os indivíduos, e não os grupos, os destinatários primários das novas tecnologias.”²⁶

Esta centralidade no indivíduo como sujeito receptor e principal usuário das novas tecnologias tem sua lógica em um mundo no qual os princípios liberais têm hoje maior valência. Conquistar o consumidor individual vem sendo a tarefa empreendida pelo mercado, o que se confirma no crescimento do uso não somente dos microcomputadores, como também de celulares multitarefa, aparelhos em formato “MP3” ou “MP4”, entre outros aparatos tecnológicos. No entanto, esta estratégia de mercado se choca frontalmente com tradições culturais que têm na comunidade um valor.

Não resta dúvida que o comportamento do homem e da mulher contemporâneos tende não à individualidade, mas ao individualismo, a um fechamento para a alteridade, mesmo com tantos apelos à interatividade. Nossas vidas cotidianas estão saturadas “com mais fluxos de dados que em qualquer momento histórico anterior da história e todos os indícios sugerem que a maré está subindo”.²⁷ Ocorre que a quantidade de dados trazidos pela imagem é tamanha que “o espectador ideal da maior parte dos entretenimentos visuais sofre indubitavelmente de um caso crônico de déficit de atenção.”²⁸ A interface das telas é um “antídoto para as forças desencadeadas pela era da informação”.²⁹

A tela é um atrator e cria uma espécie de vício hipnótico com seus feixes de luz que se projetam nos olhos, apresentando imagens enternecedoras. O sujeito individual é convidado a despender horas de seu dia diante das telas, comunicando-se à distância, mas não se comunicando satisfatoriamente com os que estão mais perto. Ele é foco de interesse da nova “divindade-mercado”, que dita suas regras e desloca-nos da posição de cidadãos para a de consumidores.

Obviamente que este consumidor individual representa uma parcela populacional que vem conseguindo sobreviver em um mundo absolutamente dividido entre excluídos e não-excluídos. Ele é o sucesso emblemático da globalização econômica, o voraz engolidor de todas as parafernálias tecnológicas lançadas pelo mercado, o grande produtor de lixo *high tech* que não se tem onde botar, o centro das demandas que provocam o aviltamento da natureza.

Sem dúvida a aplicação da tecnologia digital nas comunicações proporcionou desenvolvimento quanto à melhora da qualidade de vida e o crescimento econômico. Porém, a rapidez com que esse desenvolvimento ocorre não permite tempo e investimentos suficientes para que ele se democratize, beneficiando também as populações excluídas.

A crítica tem o papel de encorajar os próprios usuários da rede a intervir positivamente no sentido de usá-la como instrumento de humanização, como modo de reduzir a distância entre os *on line* e os *off line*, estes últimos que são um produto de mecanismos de exclusão

²⁶ Cebrián, 1999, op. cit., p. 63.

²⁷ Johnson, 2001, op. cit., 170.

²⁸ Idem

²⁹ Idem

social.

Se através da utilização da internet formos capazes de manter o pluralismo cultural do planeta e diminuirmos as distâncias entre excluídos e incluídos, estaremos contribuindo para a formação de uma grande comunidade humana solidária, na qual todos os homens e mulheres sejam cidadãos do mundo. A tarefa não é fácil e se dá através do diálogo entre as culturas, da resistência à homogeneização e da prática da tolerância, aspectos centrais em qualquer processo educativo. Com a maior disseminação do uso da televisão digital, esta pressão pode se potencializar a ponto de que se forme uma teia global de solidariedade.

Muitos dos analistas da internet compartilham desta esta visão positiva, como é o caso de Cebrián:

“O aproveitamento das infopistas para estender o entendimento entre as diversas nacionalidades, raças, religiões e culturas pode exercitar-se unicamente a partir de uma ajuda positiva ao desenvolvimento dos necessitados, vivam eles em países subdesenvolvidos ou nos arrabaldes das capitais das nações ricas”.³⁰

Lévy também dedica grande parte de suas obras para discorrer sobre a internet como um veículo de emancipação humana, o que poderá ser potencializado pela TV digital. É realista e acredita que a rede pode ser um modo de acirrar a exclusão, já que sua implantação em países periféricos e em regiões mais empobrecidas supõe investimento em infra-estrutura. Contudo, “o número de pessoas que participam da cibercultura aumenta em ritmo *exponencial*”³¹, o que o faz constatar que o número de excluídos da tecnologia esteja diminuindo. O autor considera, também, que será cada vez mais barato conectar-se. Obviamente que este barateamento facilitará o acesso aos mais pobres, mas há um pré-requisito indispensável: a aquisição da linguagem escrita. Para o analfabeto a internet não tem qualquer utilidade. Talvez, antes do barateamento das conexões para a internet, seja preciso efetivamente baratear os custos sociais da educação, da saúde e da alimentação. Há, portanto, interdependência de fatores para que haja a conquista de benefícios que ultrapassem as necessidades imediatas.

Lévy ainda considera que sempre existirão os excluídos da internet, pois “cada universal produz seus excluídos”.³² Se se estima que “apenas pouco mais de 20% dos seres humanos possui um telefone”,³³ apesar do amplo crescimento da telefonia em todo mundo, naturalmente se conclui que há uma exclusão em todos os tipos de tecnologia. Na verdade, o que se precisa “atacar” para a diminuição dos abismos entre pobres e ricos é a concentração de renda. As tecnologias de comunicação podem contribuir, e muito, para uma distribuição mais equitativa da riqueza.

Para este fim, é preciso perceber, ainda segundo Lévy, que “o mundo bate à nossa porta”.³⁴ Somos todos chamados à compaixão e à solidariedade, sabendo-se que “o ato de compaixão, a ajuda real não se mede pelos discursos de denúncia, pela crítica, pela acusação: mede-se pela hospitalidade”.³⁵ Somos todos membros de uma grande comunidade humana, de uma família universal, e é absurda a discriminação por raça, credo, orientação sexual ou qualquer aspecto cultural que signifique diferença em relação a uma cultura dominante.

Sem tolerância e compreensão daquilo que nos une como humanidade não teremos condições de avançar muito mais na história da civilização. Enquanto houver investimentos

³⁰ Cebrián, 1999, op. cit., p. 154.

³¹ LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999, p. 236.

³² Ibid., p. 237

³³ Idem

³⁴ LÉVY, Pierre. *A conexão planetária*. São Paulo: Ed. 34, 2001, p. 34

³⁵ Idem

maciços em armamentos e defesa anti-míssil, haverá os que já nasceram perdendo a batalha da vida, mesmo sem ter encostado um dedo em uma arma.

Mais do que nunca, é preciso que as imagens que venhamos a produzir “gritem” pela vida e pela dignidade humana. A internet já é veículo para estas imagens, como já vem ocorrendo na multiplicação de sites que se dedicam a causas humanitárias, ou de portais que dedicam páginas a este fim. A TV digital será oportunidade de ampliar este tipo de disseminação de imagens emancipadoras. Será veículo, também, para a conservação de uma herança cultural diversificada, e é justamente na diversidade que se encontra sua maior riqueza. A este respeito, Lévy considera que:

“os novos instrumentos deveriam servir prioritariamente para valorizar a cultura, as competências, os recursos e os projetos locais, para ajudar as pessoas a participar de coletivos de ajuda mútua, de grupos de aprendizagem cooperativa etc. Em outras palavras, na perspectiva da cibercultura assim como nas abordagens mais clássicas, as políticas voluntaristas de luta contra as desigualdades e a exclusão devem visar o *ganho em autonomia* das pessoas ou grupos envolvidos”³⁶.

Compartilhar com esta visão de Lévy significa reconhecer na educação a forma de promover a inclusão de grupos humanos que estejam alijados da cibercultura. Enaltecer a cultura popular, disseminá-la pela rede, fazer circular pelas telas de todo mundo as expressões esquecidas e valorizá-las seriam estratégias de inserção ante uma comunicação de massas puramente comercial ou dominadora que desqualifica os saberes.

As tecnologias digitais convergentes constituem um desafio para a educação escolar, que tem como tarefa educar para a vida social, em comunidade, na qual o indivíduo se percebe como membro de uma frágil teia que necessita da cooperação mútua para se manter firme. A escola não pode deixar de lado todo o aparato tecnológico para desenvolver um processo educativo de qualidade. Ao contrário, tem que contar com ele para levar a cabo seus objetivos. A tecnologia necessita ser aliada nesta empreitada, ferramenta acessória e não núcleo da ação pedagógica, a fim que os educandos percebam na própria metáfora da “rede” a possibilidade de crescimento humano quando há cooperação recíproca.

Somos herdeiros de um mundo fragmentado e niilista, que em seu pluralismo abriga tanto o que há de mais mesquinho quanto o que há de mais nobre. As metanarrativas da modernidade, que pretendiam oferecer respostas unificadas às questões humanas, não podem ser substituídas por um relativismo que produz insegurança e desesperança no futuro. O que hoje marca a nossa era é a aceleração da tecnologia, da produção de bens de consumo, da publicidade e de expansão do liberalismo econômico. Estamos diante de uma nova sensibilidade nas expressões estéticas, de uma virtualização da realidade e das relações interpessoais; de uma espetacularização da vida cotidiana; de uma nova maneira de lidar com as categorias espaço-temporais, dadas a suplantação de fronteiras, as comunicações em tempo real e a realização simultânea de tarefas.

O educando contemporâneo está imerso neste universo. As instituições escolares, desde os mecanismos de gestão até as relações estabelecidas em sala de aula, não são ilhas alheias a esses processos societários, embora, muitas vezes, nos deparemos com situações em que os educandos são convidados a esquecer tudo o que vivem e presenciam, em nome da transmissão de conteúdos anacrônicos, por meio de metodologias arcaicas que culpabilizam os alunos pela recusa à aprendizagem. Promover educação de qualidade é levar em conta as

³⁶ Lévy, 1999, op. cit., p. 238

transformações já empreendidas e as que se anunciam, como as que aqui foram descritas, a fim de planejar o ato educativo. Não se trata, contudo, de preparar a compra de TVs digitais para as escolas como meio de “resolver” uma interação entre educandos e novas tecnologias. O que se deve colocar como meta, em primeiro lugar, é uma compreensão do universo social em que todos habitamos, e no qual nossos alunos fortemente transitam, a fim de que a palavra, antes das telas, seja instrumento de trabalho. O diálogo franco e generoso ainda é a melhor ferramenta de trabalho da qual necessitamos, em que professores sejam muito mais ouvintes de seus alunos do que gestores de monólogos. Desta forma, teremos a oportunidade de conhecer e compreender as necessidades e ansiedades das novas gerações, aquelas que crescem absolutamente familiarizadas com as operações que são realizadas pelos controles remotos.

O uso das mídias convergentes será um segundo passo, sem que o primeiro seja esquecido. Tal utilização deve produzir construção coletiva, formação de autores e relações entre diferentes distâncias, levando-se em conta, principalmente, os que estão mais próximos, pois educar é mostrar a necessidade de se tratar amigavelmente tanto quem está a quilômetros de distância, quando se organizam conversações por *chats*, quanto quem está ao lado, que merece olhares muito mais profundos do que aqueles que lançamos para as telas.

A busca de valores mais significativos para a existência humana muitas vezes é confundida com aspectos de ordem metafísica, considerados não portadores de *status* científico e, por isso mesmo, alijados dos processos educacionais formais. Porém, proporcionar um processo educativo supõe a busca de concepções que tornem tanto o mundo quanto a vida mais inteligíveis. Temos a tarefa, como educadores, de compreender o mundo atual, do qual participamos e onde realizamos opções, estimulando o educando a tornar mais claras suas opções e convicções fundamentais, para que possa melhor interpretar o mundo e plasmar uma finalidade digna para a própria vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUMONT, Jaques. *A Imagem*. Campinas: Papirus, 1995.
- CEBRIÁN, Juan Luis. *A Rede*. São Paulo: Summus, 1999.
- DEBRAY, Régis. *Vida e morte da imagem*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. São Paulo: LTC, 1989.
- IANNI, Octavio. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- JOHNSON, Steven. *Cultura da interface. Como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Rio de Janeiro: Jorge Zaar, 2001.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LÉVY, Pierre. *A conexão planetária*. São Paulo: Ed. 34, 2001.
- NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.